

# Recensão Crítica

*Annelise Bertuzzi Bezerra*

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

annelisebertuzzi12@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1940-6268>

*Fernanda Safira Soares Campos*

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

fsafirac@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3772-6203>

Guazina, L., Prior, H., Araújo, B. (2019). *(Des)construindo uma queda - A mídia e o impeachment de Dilma Rousseff*. Florianópolis: Editora Insular

[https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_12\\_10](https://doi.org/10.14195/2183-6019_12_10)

## **A participação da mídia no impedimento de Dilma Rousseff sob uma perspectiva analítica**

O presente texto pretende apresentar uma resenha crítica do livro *(Des)construindo uma queda - A mídia e o impeachment de Dilma Rousseff*, organizado por Liziane Guazina, Hélder Prior e Bruno Araújo, e publicado em 2019, no Brasil. Surge no âmbito da coleção *Jornalismo e Sociedade*, uma parceria entre a Editora Insular, da Universidade Federal de Santa Catarina, que editou a obra, e o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. A obra versa sobre a atuação dos meios de comunicação e das redes sociais no controverso processo que levou ao impedimento da presidente Dilma Rousseff em 2016, instaurado menos de um ano após a então candidata do Partido dos Trabalhadores (PT) ser reeleita e tomar posse para o seu segundo mandato, que iria de 2015 a 2018.

Apesar de discutir especificamente a crise política que derrubou Dilma Rousseff, a obra traça, em vários momentos, elementos contextuais de uma

série de eventos anteriores à crise, mas que possuem relação direta com a sua eclosão. Como exemplo, o fenômeno manifestado em junho de 2013 – as conhecidas Jornadas de Junho – que ressignificou a tessitura social e política do país, com a emergência de movimentos como *Brasil Livre* e *Vem pra Rua*, os quais, a pretexto de defenderem uma “nova política”, aliam-se a forças políticas tradicionais e de oposição que não aceitaram o resultado eleitoral de 2014, em que Dilma foi eleita. Além disso, a crise que levou ao impedimento de Rousseff tem uma relação importante com a Operação Lava Jato, que acabou por aumentar o clima de desconfiança na política e contribuiu para elevar ainda mais a polarização política no país (Cioccarri, 2015; Matosn & Formentin, 2016). Vários dos estudos publicados no livro mostram que ao privilegiar um jornalismo adversário, que lança mão deliberadamente de ideias relacionadas ao conflito, ao personalismo e ao denunciismo, a mídia torna-se cúmplice da decadência das democracias liberais (Curran, 2016). A partir da leitura, o livro pode auxiliar o leitor a compreender

como o acontecimento do impeachment contribuiu igualmente para a reemergência da extrema-direita no Brasil, impulsionada pelo populismo autoritário do atual presidente, Jair Bolsonaro. O acontecimento impeachment seria, portanto, o resultado de uma série de elementos de desestabilização, que, por sua vez, estão na raiz do crítico momento político em que o país se encontra.

Com efeito, *Desconstruindo uma queda: a mídia e o processo de impeachment de Dilma Rousseff* apresenta reflexões que evidenciam o modo como a mídia produz significações sobre o a crise política e o impeachment, reforçando valores legitimadores de certos ideais hoje disseminados pelo país. Com oito capítulos assinados por quinze pesquisadores e pesquisadoras de diversas universidades brasileiras, a obra permite compreender como a mídia colaborou para a construção de um cenário favorável ao impeachment, compreendido por muitos estudiosos brasileiros e estrangeiros, inclusive pelos organizadores da obra e pelas autoras desta resenha, como um golpe parlamentar.

A obra inicia com a reflexão do professor Antônio Fausto Neto, que analisa as capas das quatro principais revistas jornalísticas brasileiras (IstoÉ, Veja, Carta Capital e Época) publicadas durante o período da crise. Em “Impeachment segundo as lógicas de ‘fabricação’ do acontecimento”, o autor analisa as relações entre o jornalismo e a midiaticização de acontecimentos em processo, mostrando como as revistas lançaram mão de uma “fabricação jornalística” do acontecimento em nome da construção de um discurso determinado sobre Rousseff – o discurso de que a então presidente era alguém sem controle da situação, sem articulação, *assujeitada* e que manteve associação com a corrupção. Fausto Neto ajuda o leitor a perceber como a mídia, que recorrentemente toma para si o discurso de defesa da democracia, diante de alguns acontecimentos, abre pouco espaço para a pluralidade que debates democráticos exigem.

A seguir, José Luiz Aidar Prado e Vinícius Prates discutem “O significativo ‘povo brasileiro’ na crise política do impeachment de Dilma Rousseff”. Ao analisar *posts* no Facebook

dos movimentos *Frente Brasil Popular (FBP)* e *Vem Pra Rua (VPR)*, os autores identificam como as duas visões estabelecem grupos diferentes como legítimos representantes do “povo” no contexto do impedimento de Rousseff. A FBP, ligada ao espectro político da esquerda, relaciona o termo a populações mais pobres, e, portanto, distantes das elites. Já o VPR, representante de ideais ligados à direita, identifica “povo” como a totalidade da população que não coadunem com ideias de esquerda. A força do dissenso, neste caso, explica parte da radicalização dos discursos, que, ao nosso ver, contribui para o cenário de fortalecimento do populismo de direita vivido atualmente pelo país.

Em “Vítima, vilã ou heroína: a imagem de Dilma Rousseff na narrativa do impeachment”, Carla Candida Rizzotto e Kelly Prudencio destacam o protagonismo da mídia no acontecimento do impeachment. As autoras analisam os enquadramentos criados pelos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* na busca por entender de que maneira o noticiário construiu a imagem de Rousseff durante o processo.

Cruzando análises de enquadramentos narrativos e visuais, o estudo percebe como é criado um cenário de jogo e disputa, que retira o foco do processo institucional e privilegia o duelo entre adversários, na construção de um discurso fortemente personalista. Neste sentido, percebemos como esta é uma prática constante do jornalismo brasileiro, que contribui para a construção de uma visão antipolítica.

Os professores Liziane Guazina, Hélder Prior e Bruno Araújo, em “Enquadramentos de uma crise: o impeachment de Dilma Rousseff em editoriais nacionais e internacionais”, analisam o papel e os interesses da mídia diante de cenários complexos próprios da democracia. O artigo traz um estudo comparativo de editoriais publicados por grandes veículos nacionais e internacionais. A partir do estudo dos enquadramentos empregados, busca-se entender como a queda de Rousseff foi caracterizada em três jornais brasileiros e cinco internacionais. A pesquisa revela que os jornais nacionais adotaram um discurso único e acusatório na construção de suas hipóteses explicativas, criando a legitimação discursiva do impeachment.

Os jornais estrangeiros, por sua vez, propõem argumentações menos uniformes, apontando os erros políticos, econômicos e táticos de Rousseff, mas evidenciando a inexistência de crime que justificasse seu impedimento.

Por conseguinte, a obra traz, no capítulo intitulado “Enquadramentos de Dilma Rousseff na cobertura da operação Lava Jato na perspectiva francesa”, o olhar de Anita Gonçalves Hoffmann sobre as investigações na cobertura dos jornais franceses *Le Monde*, *Le Figaro* e *Libération* sobre Dilma Rousseff durante a Operação Lava Jato. Hoffmann constata que apesar de Rousseff não ser uma das investigadas, a ex-presidente é associada sistematicamente a escândalos de corrupção, tendo sua imagem política afetada. Neste sentido, a imprensa francesa é unânime em anunciar o caráter espetaculoso do poder Legislativo brasileiro nos acontecimentos relacionados à destituição de Rousseff. O artigo faz refletir não apenas sobre a imagem da política brasileira na imprensa internacional, mas sobre elementos da nossa própria realidade, que, somados, ajudam a entender as razões do que hoje ameaça a democracia brasileira.

Heitor Costa Lima da Rocha e Laís Cristine Ferreira Cardoso, no estudo “A formação do clima de opinião favorável ao impeachment de Dilma Rousseff: o *Jornal Commercio* e a manipulação ideológica para legitimar o golpe”, buscam entender como a mídia brasileira, especificamente o periódico de maior vendagem em Pernambuco, *Jornal Commercio*, elaborou sua narrativa nas manifestações populares relacionadas à saída de Rousseff do poder. A pesquisa evidencia uma cobertura jornalística tendenciosa e legítima as manifestações favoráveis ao processo do impeachment, enquadrando-as, por meio de estratégias discursivas diversas, como “representações dos anseios da população brasileira”. Neste sentido, a pesquisa aprofunda a discussão sobre a construção das narrativas midiáticas sobre a política e amplia questões sobre o fazer jornalístico e suas amarras ideológicas.

Deslocando a análise para o estudo do rádio neste processo, Luã José Vaz Chagas, no capítulo “Radiojornalismo e seleção das fontes: Interesses e disputas na cobertura do impeachment da presidenta Dilma

Rousseff” convida o leitor a compreender como acontece a seleção de fontes na emissora de rádio CBN Rio, em matérias que retratavam o acontecimento. O artigo evidencia novos padrões de instabilidade política em que a imprensa se coloca como participante ativa de processos institucionais. A pesquisa mostra como o rádio parte de uma seleção de fontes atípica, se comparada com a de outros meios, pois coloca o repórter como *gatekeeper*, jogando com discursos que defendem e exaltam a oposição ao governo de Rousseff. Neste sentido, o artigo ressalta a falta de pluralidade discursiva que seja capaz de fornecer ao ouvinte um aparato menos ideológico e mais informativo.

Ao fechar o conjunto de estudos, o capítulo assinado por Eurico Mattos Neto, Tatiana Dourado e Pedro Mesquita, intitulado “Dilma Rousseff no impeachment: Uma análise das estratégias de comunicação nas redes sociais digitais, analisa as estratégias discursivas utilizadas pela presidente na tentativa de construir sua defesa nas plataformas digitais do Twitter e Facebook. Certamente as redes sociais possibilitaram aos

atores políticos maior proximidade com o público, ainda que ilusória, uma maneira de comunicar com os cidadãos sem interferência direta de outros mediadores. Neste sentido, a pesquisa faz questionar se as estratégias escolhidas pela equipe de Rousseff foram as mais efetivas para contrapor-se às críticas e acusações de que a presidente fora alvo.

Inquestionavelmente, a obra fornece aos leitores e às leitoras uma série de estudos que possibilitam um entendimento amplificado acerca do impacto da lógica midiática, em sentido amplo, sobre o cenário em que o impeachment de Dilma Rousseff fora construído, quer em termos político-jurídicos, quer, sobretudo, do ponto de vista discursivo, onde, claramente, os meios de comunicação agem como ator fundamental. É possível verificar uma linha argumentativa transversal aos diversos capítulos do livro, segundo a qual houve uma certa de “divinização” do processo pela mídia brasileira, certamente uma das principais promotoras da onda antipetista que demarcou as eleições de 2018. Estamos certas de que o estudo da obra é altamente recomendado a

todos quantos pretendam entender, sob uma perspectiva comunicacional, o papel da imprensa, das redes sociais, enfim, das lógicas midiáticas, neste acontecimento tão controverso da história política brasileira recente.

### Referências Bibliográficas

- Cioccarelli, D. (2015). Operação Lava Jato: escândalo, agendamento e enquadramento. *Revista Alterjor*, 12 (2), p. 58-78. Consultado a 2 de agosto de 2020, em <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/aj12-a04>
- Curran, J. (2016). Entretendo a democracia na era do neoliberalismo. *Brazilian Journalism Research*, 12 (2), p. 12-29. <http://dx.doi.org/10.25200/BJR.v12n2.2016.864>
- Entman, R. (2004). *Projections of power: framing news, public opinion, and U.S. foreign policy*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Matos, O. V. H. de, & Formentin, C. N. (2016). Veja e CartaCapital: a polarização política das páginas às ruas. *Revista em Debate (UFSC)*, 16, 15-40. <https://doi.org/10.5007/1980-3532.2016n16p15>